

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

RAIANE CHAVES DA ROCHA GUIMARÃES

RELATO DE EXPERIÊNCIA: os perigos e as potencialidades do plágio

JUIZ DE FORA
2018

RAIANE CHAVES DA ROCHA GUIMARÃES

RELATO DE EXPERIÊNCIA: os perigos e as potencialidades do plágio

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadoras: Profa. Dra. Tâmara Lis Reis Umbelino
Profa. Ms. Ana Carolina Guedes Mattos

JUIZ DE FORA
2018

RAIANE CHAVES DA ROCHA GUIMARÃES

RELATO DE EXPERIÊNCIA: os perigos e as potencialidades do plágio

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadoras: Profa. Dra. Tâmara Lis Reis Umbelino
Profa. Ms. Ana Carolina Guedes Mattos

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tâmara Lis Reis Umbelino

Profa. Ms. Ana Carolina Guedes Mattos

Membro da banca

1. INTRODUÇÃO

Minha trajetória profissional foi um pouco diferente do que comumente se faz: comecei estudando Turismo e, ao fim do curso, recebi uma proposta de lecionar em escolas de idioma a língua espanhola. Comecei a docência pela prática e logo apaixonei-me. Posteriormente, recebi outro convite para lecionar em uma escola da Educação Básica e ali percebi a necessidade de aprofundar meus estudos nas áreas da educação.

Julguei que uma pós-graduação seria suficiente, e fui para a PUC Minas estudar Docência e Gestão do Ensino Superior. Ao fim do curso, senti necessidade de retomar alguns conceitos que haviam sido trabalhados na graduação e na pós já eram tidos como básicos e então resolvi ir para a licenciatura e o bacharelado em Letras Português/Espanhol, também pela PUC Minas.

Foi então que pude constatar que essa formação continuada é realmente necessária; o fato de fazer um curso já estando em sala de aula me proporcionou um olhar diferenciado para o ambiente, os discentes e a minha própria atuação. Pensando nessa última, a oportunidade do curso de Mídias na Educação, oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, veio ao encontro, então, de um desejo de melhorar minhas técnicas docentes, já que trabalho em escolas que possuem bom acesso à internet e aos recursos tecnológicos.

Durante o curso de Mídias na Educação, que se iniciou no primeiro semestre de 2017 e termina no primeiro semestre de 2018, pude aprender e aprofundar sobre as mídias. De todos os trabalhos e conteúdos aprendidos, destaco alguns que foram mais efetivos para meu fazer docente: a discussão sobre hipertexto, tão crucial dentro da língua portuguesa; as reflexões sobre o cinema e fotografia e suas estratégias de gravações, como luz, foco, enquadramento; os questionários a partir do QR Code; a elaboração de postagens e suas posteriores discussões em redes sociais, como Facebook e Instagram, além de “novas” ferramentas como os grupos de imagens no Google; as produções de texto a partir de ferramentas diferenciadas.

Essas oportunidades e outras tantas me abriram os horizontes para além do “livro”, além do mínimo necessário, que é feito na sala de aula. Pude já aplicar alguns desses aprendizados, como, por exemplo, fiz um questionário em QR Code e o

disponibilizei nas mesas de convivência da escola; os alunos, em grupos, tinham que responder às questões fora de sala com o uso do celular.

Para outra turma, pedi que fizessem uma pesquisa sobre as tirinhas do Condorito¹ e criassem uma releitura da mesma com suas próprias imagens, usando aplicativos como o Comic Life². Os alunos não só perceberam a diferença das aulas como muitos elogiaram a atividade incomum. Ao mesmo tempo, foi interessante verificar como, para alguns, essas atividades pareciam “absurdas”, já que não estavam acostumados a sair do senso comum do que, para eles, era a “aula” propriamente dita.

A partir do que vinha estudando e da minha experiência diária, surgiu o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso: o plágio. A questão veio a partir de uma inquietação muito pessoal: meus alunos do Ensino Fundamental II deveriam ter produzido um texto informativo e uma biografia, mas a maioria deles plagiou de sites da internet. Em um primeiro momento, tive o ímpeto de “zerar” a produção, mas resolvi levar à discussão o assunto e dar uma nova oportunidade. Dada a segunda chance, continuei tendo problemas com textos copiados, então mudei o foco e me perguntei o que estaria fazendo de inadequado ou incompreensível, além de levar em consideração a dificuldade inerente àqueles gêneros a partir de temas incomuns para os discentes.

Assim, usei minha experiência pessoal para refletir sobre o que depois descobri ser um problema mais amplo: os alunos têm cada vez produzido menos e cada vez copiado mais. Para discussão do assunto, fez-se importante produzir um vídeo em que seriam selecionados dois professores e duas coordenadoras da Educação Básica e uma reportagem, trazendo nesta as vozes dos alunos como exemplificações e inquietações sobre essa escrita escolar. Além disso, refleti sobre a necessidade de conceituar e trazer à realidade as consequências dessa ação, não havendo produto melhor que a reportagem.

¹ Trata-se de um personagem de quadrinhos criado pelo cartunista chileno René Ríos, conhecido como Pepo. A obra é extremamente popular em toda a América Latina hispanófono. Para saber mais <http://condorito.com/>

² Ferramenta que permite criar sua própria história em quadrinhos a partir de imagens e fotos próprias, além de diversos efeitos e modelos.

2. OS PRODUTOS E SEUS RESULTADOS

Para tratar da questão do plágio, decidi por usar vídeo com comentários e reflexões do tema por professores e coordenadores da Educação Básica e, também, a reportagem, com a discussão do tema e sugestões de resoluções quando em face ao problema.

2.1 O VÍDEO

A escolha pelo vídeo se deu por ser uma mídia interessante e porque a fala dos entrevistados, usada originalmente, enriqueceria a visão sobre o plágio. José Moran (1995) discorre bem sobre a função do vídeo tanto em sala de aula como para o desenvolvimento deste trabalho. A linguagem audiovisual, segundo o autor, explora “o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais” (p. 25)

É possível não apenas entender um pouco mais sobre o plágio, mas, principalmente, ser levado pelos participantes do vídeo para seus mundos, percebendo, pela perspectiva tanto do professor e da coordenadora quanto da apresentadora, nossos pontos de vista. O sensorial, a emoção, são fundamentais:

O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN, 1995, p. 28-29).

Dessa maneira, a intenção é fazer com que o espectador possa ter curiosidade sobre os vieses tratados por cada um dos indivíduos do vídeo, e possa se sentir surpreendido a cada fala.

2.1.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Para o vídeo, a princípio a ideia era a de que fossem entrevistados dois professores e aproximadamente cinco alunos. Todos apareceriam no vídeo e trariam suas visões sobre o plágio e suas ações a partir dele. Não obstante, devido à autorização de imagem, julguei ser mais fácil obtê-la sem maiores problemas apenas com adultos e então levei os alunos para a entrevista em áudio, usada na reportagem, e mantive os adultos para o vídeo. Também, por sugestão da tutora do curso, foram agregadas as duas coordenadoras.

Foram selecionados dois professores de língua portuguesa de uma escola particular de Betim – região metropolitana de Belo Horizonte – e as duas coordenadoras desta mesma escola. As perguntas foram pensadas cuidadosamente para cada uma das funções e não foram adiantadas aos entrevistados. Foi-lhes dito apenas que era um vídeo sobre o processo de ensino-aprendizagem nas produções textuais elaboradas pelos alunos da Escola Básica.

2.1.2 PRODUÇÃO

As duas primeiras gravações – com o professor Márcio Pereira de Menezes e com a coordenadora do Ensino Fundamental II Viviane Vieira dos Santos – ocorreram normalmente, conforme combinado. Gravamos na própria escola; com a coordenadora ao final de uma reunião de sábado e com o professor no horário de almoço, já que tínhamos aula à tarde na instituição. Devido à greve dos caminhoneiros, as entrevistas com uma das coordenadoras, Eudes Cadilhe, e com uma professora, Fabíola de Oliveira Canto, ficaram inviabilizadas e então finalizei o vídeo sem elas.

Precisei retomar a noção de planos e movimentos, de Marília Melo Pisani (2009), e decidi usar o plano médio para a entrevista com a coordenadora Viviane, porque a fizemos em pé na biblioteca da escola. Como era sábado, não havia ruído e pudemos aproveitar a beleza dos livros e dos trabalhos ao fundo.

Já na entrevista com o professor Márcio Pereira de Menezes, a mesma biblioteca não era o espaço mais adequado, pois era o horário em que os alunos transitavam devolvendo livros. Então decidi fazê-la em uma sala de aula afastada dessa constante passagem de alunos e demais colaboradores da escola. Nesse caso, o entrevistado ficou sentado atrás da mesa dos professores e decidi usar meio primeiro plano.

Apesar dessas escolhas iniciais, durante a edição esses planos foram alterados em função do que era dito, para close e meio primeiro plano (este último no caso da coordenadora Viviane Vieira dos Santos) com a finalidade de que houvesse uma dinamicidade do vídeo.

2.1.3 PÓS-PRODUÇÃO

A partir dos questionamentos feitos e das respostas dadas pelos entrevistados, selecionei os comentários mais relevantes para a discussão e elaborei análises sobre essas falas conectando em alguns momentos com minha experiência pessoal. Foi de grande ajuda o trabalho do meu marido e professor de geografia Alexandre Siqueira Guimarães, que esteve presente na gravação com a coordenadora, ensinando-me a usar a aparelhagem, e fez a edição do vídeo de acordo com minhas solicitações.

A edição foi feita no programa Hit Film Express em dois dias e foi bastante cansativa, pois tínhamos um equipamento melhor para as gravações, separando imagem da voz, e como foram cortados vários momentos das entrevistas, essas edições eram lentas, principalmente porque não temos um computador que suporte com tranquilidade o processo.

Fizemos uma primeira versão do vídeo, mas apenas depois da renderização³ vimos que o áudio e as imagens ficaram desconexas. Então precisamos refazer algumas partes para, finalmente, terminar o trabalho e colocá-lo tanto no Youtube quanto no site⁴ desenvolvido para ser o portfólio do curso.

2.2A REPORTAGEM

A mídia reportagem foi escolhida por ser possível, a partir dela, discutir o assunto e levar o leitor à reflexão por meio de conceituação, exemplificações nos diversos campos e comentários daqueles que estão dos dois lados: tanto quem plagia/escreve quanto quem corrige/ensina. Segundo Marques de Melo (1985, p. 65) “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. Aqui, portanto, a reportagem vem para levar em consideração o que está sendo praticado na realidade das instituições escolares e acadêmicas, principalmente.

2.2.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A ideia inicial para a reportagem era a de que fossem usadas as mesmas gravações dos vídeos, mas com foco diferente para esse gênero. Entretanto, após

³ Ação em que o vídeo é finalizado e exportado para uma extensão em que podemos vê-lo e colocá-lo em outras plataformas

⁴ O site em que estão todos os produtos feitos durante a especialização:
<https://sites.google.com/view/elespanolenmarcha/pagina-inicial>

conversa com colegas de curso e com as orientadoras e a partir dos imprevistos surgidos na gravação das entrevistas do vídeo, houve uma reorganização: haveria apenas os áudios das entrevistas com os alunos.

Durante o processo de gravação e edição do vídeo, busquei fazer também as gravações de áudio com os alunos para serem colocadas na reportagem, mas me deparei com alguns – velho e novos – problemas. Fizemos, a coordenadora do 9º ano e Ensino Médio Eudes Cadilhe e eu, uma seleção daqueles alunos de forma que fosse bastante heterogênea, tendo como critérios aqueles que poderiam ficar depois do horário ou ir à escola em horários alternativos para a gravação; alunos que plagiaram em textos anteriores e não alcançaram o resultado esperado na segunda versão da produção; alunos que plagiaram e alcançaram resultado melhor na segunda versão e alunos que não plagiaram desde o primeiro momento.

Enquanto as entrevistas não aconteciam, já me organizava para a reportagem escrita. Havia feito um esquema do que ela conteria: conceituação do termo; casos fora do ambiente escolar/acadêmico; delimitação do tema dentro do ambiente escolar; experiência de alunos sobre o assunto; atuação docente a partir do plágio. Dentro desse esquema, estavam pensados boxes com comentários relevantes, alguns infográficos para que a leitura fosse mais dinâmica e uma enquete, que seria feita no meu Facebook sobre quem já havia plagiado alguma vez ou não.

2.2.2 PRODUÇÃO

Apesar da pré-seleção organizada e da conversa individualizada com cada um dos cinco alunos escolhidos, tive dificuldades em conseguir as autorizações assinadas pelos pais; alguns alunos não podiam ficar em nenhum outro horário e, mais uma vez, a greve dos caminhoneiros veio nesse momento de efetivação das entrevistas. Depois de muitos contratemplos, consegui fazê-la com apenas um aluno, Pedro Henrique Guimarães de Paula Pinto. A entrevista ocorreu ao fim da aula, com a escola toda em grande movimentação, dessa forma gravamos o áudio no estacionamento da escola.

Com o aluno, usei uma fala mais espontânea e informal, já que também não adiantei as perguntas para que o entrevistado tivesse conhecimento e ele estava ansioso sobre o que eu iria perguntar. A conversa fluiu tranquilamente e foi interessante perceber, inclusive, o quanto é difícil para o próprio aluno a questão do plágio. Essa escrita e reescrita de um texto a partir de um tema desconhecido ou

pouco conhecido me fez refletir sobre minha postura enquanto educadora para facilitar esse processo.

Enquanto produzia o gênero seguindo o esquema inicial, senti necessidade de uma fala docente sobre o assunto, assim como as orientadoras também sentiram. Pedi àquela professora que já havíamos combinado a entrevista em vídeo, Fabíola de Oliveira Canto, que gravasse em áudio, pelo próprio WhatsApp, sua ação diante da situação estudada. Já havíamos conversado antes e naquela situação a docente trouxe uma medida diferenciada, que eu não tinha lido até então nada parecido.

Foi então que a docente fez a gravação e deu mais cor à reportagem. Coloquei sua fala no último apartado, sobre as ações do professor a partir da detecção do plágio e sua fala complementou o que havia pesquisado sobre técnicas para evitar e solucionar o problema.

As entrevistas foram cortadas no programa Audacity e colocadas no programa SoundCloud; já os infográficos foram feitos no site Canva, após ter contato com a reportagem de Henrique Carvalho (2016) sobre a estratégia. Na reportagem elaborada, tudo foi produzido e feito por mim, e o que foi trazido de outras fontes, foram todas corretamente referenciadas.

2.2.3 PÓS-PRODUÇÃO

Gostaria de uma finalização maior da reportagem. Não consegui fazê-la parecer efetivamente uma no Word e, por uma sugestão, fui para o programa Publisher. Nesse lugar, o gênero tomou corpo de reportagem, mas, mesmo assim, pareceu-me difícil adequar minha escrita ao gênero. Isso me deixou um pouco frustrada e envergonhada, por ser professora de língua portuguesa, ensinar o gênero aos alunos e, assim, colocar-me na obrigação de escrevê-lo satisfatoriamente.

Seria interessante ter tido mais tempo para trabalhar nas ideias, acredito que essa disciplina deveria ter tido início no semestre anterior, pois poderia ter feito uma pesquisa mais aprofundada do tema e, durante as férias, poderia ter organizado melhor o meu texto.

Foi-me sugerido que fizesse uma enquete em meu próprio Facebook sobre o plágio, perguntando quem já teria plagiado ou não. Apesar de ter a enquete em mente, não a realizei em tempo hábil, e essa informação, portanto, não foi usada.

Senti-me um pouco frustrada também quanto às entrevistas com os alunos. Gostaria de ter feito o grupo focal com pelo menos cinco deles, usando informações complementares e contrastantes na reportagem. Diante dos imprevistos, não foi possível realizar as entrevistas com quatro dos cinco escolhidos.

Por fim, deparei-me com um último problema: colocar a reportagem no meu site. Fiz print screen das telas, mas não era possível clicar nos hiperlinks e ver, por exemplo, as reportagens originais que foram fonte para a minha produção ou ouvir as entrevistas com o aluno e com a professora. Portanto, aproveitei do programa Publisher apenas a disposição dos textos e imagens, tentando reproduzi-la fielmente no site.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha experiência como estudante no curso de Mídias na Educação, pela UFJF, foi nova e interessante. Nunca havia participado antes de um curso à distância e, de início, senti-me insegura quanto à forma de participação nos fóruns, elaboração e envio de trabalhos e, principalmente, aos retornos recebidos. Entretanto, passado esse primeiro momento de adaptação, avalio como muito positiva.

Pude aprender novas técnicas que, como professora de língua espanhola e língua portuguesa, ofereceram-me novo olhar sobre minhas práticas. Passei a refletir sobre os lugares em que trabalho, todos com grande riqueza tecnológica, e me perguntar o porquê nunca havia usado esses recursos para algo além do que o livro didático propõe. Disciplinas e atividades como a do QR Code e a da gamificação me levaram a sair da minha zona de conforto.

Sinto-me, agora, mais confortável para usar as mídias ao meu favor no processo de ensino-aprendizagem. Há várias propostas de projeto da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, por exemplo, que dão a alunos e professores a oportunidade de trabalharem com tais mídias. Esse ano houve uma chamada para um concurso de elaboração de vídeos sobre gênero com o título Desconstruindo Práticas Machistas No Cotidiano Das Escolas, e não consegui participar porque quando soube havia pouco tempo. De todos os modos, já me organizo para no próximo ano estar na próxima edição. Antes dessa especialização, essas oportunidades seriam vistas por mim como algo inalcançável.

Chamou-me atenção no curso, também, a relação entre o cinema e a sala de aula, uma mídia à qual a maior parte dos alunos tem acesso, mas não costuma ser vista como tal. Enquanto professora de língua espanhola, tenho pouco tempo para passar aos alunos vídeos muito longos, mas não deixo de oportunizar a passagem de curtas ou trechos de filmes que eles podem, caso seja do interesse, terminá-lo em casa.

Entretanto, como professora de língua portuguesa e, portanto, com mais tempo para elaborar atividades fílmicas, fui surpreendida pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que obriga a exibição de filmes nacionais em pelo menos duas horas mensais. Desconhecia-a e pareceu-me interessante a discussão tanto da lei e sua aplicabilidade em si, quanto sobre a visão que se tem (de docentes e de discentes) acerca do vídeo em sala de aula, se, por exemplo, se configura como aula ou não. Essa inclusive era a minha primeira opção de tema, que foi levada ao segundo plano diante da emergência de discussão do plágio em minhas turmas, mas que deverá ser retomada em um provável projeto para mestrado.

Como especialista em Mídias na Educação, pretendo aprofundar essas e outras ações/discussões, principalmente porque os alunos estão em um ambiente totalmente tecnológico e infelizmente a maioria de nós professores estamos, quando muito, na transição para esse ambiente. O próprio tema do meu TCC contribuiu para esse raciocínio: muitos dos discentes têm acesso a todo e qualquer tipo de informação e não sabem usá-lo para o processo de aprendizagem.

O papel do docente faz-se fundamental todo o tempo, portanto. Somos nós quem vamos orientar os discentes de forma a entenderem que as mídias estão disponíveis não só para a diversão, mas que é possível usá-la para o conhecimento de forma lúdica, mas, ao mesmo tempo, séria. A especialização teve função primordial ao permitir a reflexão e a elaboração no que se refere ao processo de escolha da melhor mídia, elaboração dos planos de aula e aplicação das atividades.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Henrique. Como fazer infográficos: 9 simples passos que encantam, geram visitas, leads e vendas. **Viver de Blog**. Disponível em: <https://viverdeblog.com/como-fazer-infograficos/>. Acesso em: 3 jun 2018.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

MORÁN, José. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/recursos/online/vlogs/36131-42540-1-PB.pdf>. Acesso em 25 jun 2018.

PISANI, Marília Mello. A linguagem cinematográfica de planos e movimentos. Algumas considerações sobre ciência e política no pensamento de Herbert Marcuse. **Scientiæ Studia**, v. 7, n. 1, p. 135-158, 2009. Disponível em: <http://nte.ufabc.edu.br/cursos-internos/producao-de-video/wp-content/uploads/2016/03/05b-ALinguagemCinematograficaDePlanosEMovimentos.pdf>. Acesso em: 15 mai 2018.